

A condição precária e suas formas de luta: o caso do edifício da rua *Tribulete*, em Madri

*Precarious conditions and forms of struggle:
the case of the building on Tribulete street in Madrid*

REGIANE MIRANDA DE OLIVEIRA NAKAGAWA

Profa. do PPG em Comunicação e do PPG em Culturas, Linguagens e Territórios da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do PPG Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). regianemo@ufrb.edu.br

FÁBIO SADAU NAKAGAWA

Prof. permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas e do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, ambos da UFBA. Atualmente, realiza seu pós-doutorado na Universitat de Barcelona, sob a supervisão do prof. Manuel Delgado. fabiosadao@gmail.com

RESUMO

Tendo como objeto de estudo o edifício localizado na rua *Tribulete*, número 07, no bairro *Lavapiés* (Madri), este artigo discute de que maneira o processo de gentrificação constrói a condição precária, tal como situa Butler (2018, 2019, 2022), a qual tanto promove a vulnerabilidade de determinados grupos quanto incita novas formas de enlace e mobilização. Para tal, apresentamos o modo como agem os fundos de investimento relacionados à gentrificação, bem como as formas de ação promovidas pelos moradores do referido edifício. A pesquisa foi realizada com base na observação participante, em diálogo com o levantamento de dados presentes nas redes sociais dos grupos diretamente envolvidos com as mobilizações. Longe de romantizar a opressão, nota-se de que maneira a condição precária tende a potencializar novas formas de conexão e, com isso, criar outras formas de resistir.

Palavras-chave: Condição precária; Gentrificação; *Lavapiés* (Madri).

ABSTRACT

Taking as its object of study the building located at 7 Tribulete Street in the Lavapiés neighborhood (Madrid), this article discusses how the gentrification process creates precarious conditions, as Butler (2018, 2019, 2022) points out, which both increases the vulnerability of certain groups and encourages new forms of connection and mobilization. To this end, we discuss how investment funds related to gentrification operate in the neighborhood, as well as the forms of action promoted by the residents of the building in question. The research was conducted based on participant observation in dialogue with data collection on the social networks of the groups directly involved in the mobilizations. Far from romanticizing oppression, it is noted how precarious conditions tend to enhance new forms of connection and, with that, create other forms of resistance.

Keywords: Precarious conditions; Gentrification; *Lavapiés* (Madrid).

INTRODUÇÃO

No dia 14 de junho de 2025, os coletivos que compõem a *Asamblea Museo Situado* promoveram a sétima edição do chamado *Picnic de barrio* no jardim do Museu Rainha Sofia, localizado no bairro *Lavapiés*, em Madri, capital da Espanha. Com o tema *Aquí vivimos, aquí soñamos, ¡aquí nos quedamos!*, a atividade, com entrada livre, objetivou promover tanto um encontro festivo entre os participantes quanto publicizar algumas pautas caras aos coletivos que atuam no bairro.

Dentre elas, destaca-se a campanha *#AquíNosQuedamos*, a qual buscou dar visibilidade às inúmeras mobilizações realizadas contra o despejo de moradores da região, que contou com uma intervenção realizada no jardim do Museu Rainha Sofia (figuras 1 e 2), acompanhada por breves falas de dois ativistas diretamente envolvidos com a ação.



FIGURAS 1 E 2: Atividade *¡Aquí nos quedamos!* no Museu Rainha Sofia.

Fonte: fotografias feitas pelos autores.

Nos cartazes, nota-se a alusão aos três edifícios cujos moradores, atualmente, sofrem com ações de despejo: *San Idelfonso*, 20; *Tribulete*, 7 e *Mesón de Paredes*, 88.

Há quase vinte anos, *Lavapiés*^[1], antigo bairro operário, localizado na região central de Madri, tem sido alvo de um acentuado processo de gentrificação (FERNÁNDEZ, 2013; RODRÍGUEZ, 2015; SANZ, 2010), decorrente da implementação de uma série de políticas neoliberais voltadas a projetar a capital espanhola internacionalmente como uma metrópole global^[2].

Em síntese, a gentrificação (SMITH, 2012; SENNETT, 2019; FERNÁNDEZ, 2020) implica a entrada maciça de capital, seja ele público ou privado, na “renovação” e/ou “requalificação” do

espaço público, com vistas a atrair um público de maior poder de consumo, seja ele econômico ou cultural, acarretando a expulsão de antigos residentes pertencentes a classes socioeconômicas mais baixas. Como Fernández afirma, “tem lugar em áreas urbanas populares cuja renovação está intimamente relacionada com a especulação imobiliária” (2020, p. 11, tradução nossa), sobretudo aquelas com forte potencial turístico, expandindo-se sobretudo no final do século XX em decorrência da globalização e do neoliberalismo.

Porém, esse processo não ocorre sem a resistência daqueles que se vêem obrigados a deixar suas casas, os quais geram novos enlaces e vínculos na tentativa de tornar visível a violência e a condição de precariedade a que são submetidos pela gentrificação. Como indica Butler (2018, 2019, 2022), se a precariedade é uma característica generalizada de todos os seres humanos que dependem de outros seres – sejam eles próximos, pertencentes a redes familiares e de apoio; ou distantes, constituídos por sujeitos que sequer conhecemos –, para garantir a vida, a condição precária diz respeito à situação provocada, de forma política e intencional, por diferentes esferas de poder para destituir as condições mais basilares de sobrevivência de determinados grupos, a começar pela moradia. Ainda segundo a autora, ao mesmo tempo que vulnerabiliza determinadas coletividades, a condição precária igualmente coloca-se como “promissora para mudanças em coligações” (BUTLER, 2019, p. 50), pelas quais intenta-se criar esferas de ação e visibilidade – tal como a intervenção realizada no Parque do Museu Rainha Sofia – da condição precária.

Assim, este artigo objetiva discutir os enlaces gerados por aqueles diretamente afetados pelos desalojamentos no bairro *Lavapiés* – com foco no caso do edifício situado na rua *Tribulete* – e explicitar algumas das formas pelas quais esses grupos criam formas de gerar envolvimento e comoção da situação a que são submetidos pelo capital financeiro, na tentativa de reverter a situação e/ou buscar, coletivamente, novas alternativas de existência.

Para tal, este artigo parte da observação participante (INGOLD, 2016, 2017) empregada em uma pesquisa mais ampla realizada em 2018 e 2019 no bairro *Lavapiés* e retomada no primeiro semestre de 2025. Também foi realizado o acompanhamento das redes sociais, sites e plataformas digitais de coletivos e associações que atuam pelo direito à moradia e contra o desalojamento na região, com o intuito de verificar as ações e manifestações propostas pelos moradores em parceria com os Sindicatos de Inquilinos e Inquilinas da Espanha.

Embora tenhamos acompanhado outras ocorrências de expulsão de residentes no bairro *Lavapiés* (HENN; NAKAGAWA; NAKAGAWA, 2024) e suas diferentes formas de luta, foi no *Picnic del barrio* que tivemos contato com a especificidade da situação vivida pelos moradores do *Tribulete*, visto que, na ocasião, um dos representantes do movimento realizou um breve relato sobre o caso. Também estivemos no edifício para registrar as faixas presentes na sua fachada. Desde então, mediante o auxílio da representante da *Asociación Cultural Brasileña Maloka*, uma

das entidades organizadoras do evento realizado no Museu Rainha Sofia, temos tentado entrar em contato com algum representante do movimento, porém, sem sucesso. Um dos vizinhos do *Tribulete* com quem tivemos contato e que repassou nossa solicitação a algumas inquilinas no edifício, nos disse que não tinha como assegurar que alguém nos retornaria. Inclusive, a nosso ver, tal dificuldade de contato e o aparente receio da exposição – mesmo para uma pesquisa estritamente acadêmica – diz muito sobre a condição precária a que foram sujeitados os residentes do *Tribulete*. Em vista disso, buscamos a maior quantidade possível de registros do caso na grande imprensa e nas redes sociais.

Antes de entrarmos na especificidade dos processos de despejo no bairro Lavapiés, que tanto produzem a condição precária quanto potencializam novas formas de enlace, interessamos discutir mais detalhadamente a que se refere tal condição, visto que ela nos parece chave para apreender os modos pelos quais se intenta criar novas formas de “estar junto” e, com isso, resistir, por mais difícil que seja.

A CONDIÇÃO PRECÁRIA IMPOSTA AOS MORADORES

Retomando a perspectiva colocada por Butler (2018, 2019, 2022), reconhecer a nossa precariedade implica, antes de tudo, assentir que somos corpos que dependem de outros corpos, sem os quais, a vida não é possível. Em consonância com a autora, entendemos que o corpo deve ser entendido em virtude da ambiência que se constitui a partir dele para tornar a vida “vivível”, o que envolve toda uma dimensão social e ecológica que, dentre outras demandas, abarca a necessidade de moradia digna. Para o teórico dos meios Marshall McLuhan (2005), a habitação deve ser compreendida como uma extensão tecnológica da pele voltada a gerar proteção, sem a qual, os corpos tornam-se completamente desprotegidos. Tal cenário explicita a vulnerabilidade a qual todos os indivíduos, sem exceção, estão sujeitos desde o seu nascimento.

A condição precária que, conforme indicado anteriormente, implica a ação deliberada para privar determinados grupos das condições mínimas necessárias para garantir a sobrevivência é, indubitavelmente, uma violência que age diretamente sobre os corpos. Ainda que nem sempre o Estado seja diretamente responsável por ela, tal como afirma Butler (2018, 2019, 2022), na atualidade, pode-se dizer que são incomuns as situações em que ele não esteja direta ou indiretamente envolvido, tal como veremos adiante em relação aos despejos no bairro *Lavapiés*.

No âmbito das vidas intencionalmente colocadas na condição precária, pode-se dizer que se trata daquelas que sequer são passíveis de luto, isso porque, de certa forma, elas “nunca [contaram] de verdade como vida” (BUTLER, 2019, p. 64). Por sua vez, a “distribuição desigual do luto público” (BUTLER, 2019, p. 65) implica uma política de controle imposta tanto pelo Estado quanto pela mídia hegemônica, os quais estabelecem quem “pode” e/ou “deve” ser “lamentado publicamente” (BUTLER, 2019, p. 65).

Não há como desconsiderar a condição precária a que são colocados determinados grupos pela gentrificação que, como Fernández indica, “deveria ser estudado em termos de violência simbólica e física contra a população” (2020, p. 42, tradução nossa). Para além da truculência sobre os corpos, que são destituídos de abrigo sem que lhes seja oferecida uma alternativa – o que, em absoluto, invalidaria a violência sofrida –, o aspecto simbólico volta-se sobretudo à construção de um “cidadão ideal” (FERNÁNDEZ, 2020, p. 36, tradução nossa) a quem compete viver no espaço idealmente projetado.

Trata-se do contraponto estabelecido entre a “classe civil (civildade burguesa)” e a “classe incivil (incivildade) popular” (FERNÁNDEZ, 2020, p. 17, tradução nossa), em que o segundo caso se reporta àqueles que não se adequam ao espaço gentrificado porque, em geral, não possuem o poder aquisitivo necessário para habitá-lo e cujo capital cultural e simbólico não condiz com a espacialidade do espetáculo. Em outras palavras: os “incivis” são, justamente, aqueles não passíveis de luto porque, antes de tudo, são um empecilho para os processos de “requalificação” das cidades que, segundo a retórica neoliberal, buscam torná-las mais habitáveis, seguras e humanas.

Longe de considerar a condição precária apenas pelo viés dos danos causados a determinados grupos, Butler também indica que a vulnerabilidade se coloca “como uma forma de ativismo ou como aquilo que é, de algum modo, mobilizado em forma de resistência” (BUTLER, 2018, p. 137) o que, em absoluto, não implica romantizar a opressão. Trata-se de considerar que a vulnerabilidade igualmente se coloca como um fator capaz de produzir indignação e impulsionar diferentes formas de reação frente a uma dada conjuntura imposta, da mesma forma que tende a potencializar a abertura para outros corpos – muitas vezes, bem diferentes de nós – e “a um mundo que não é completamente conhecido ou previsível” (BUTLER, 2018, p. 163), até porque, se trata de um mundo possível (LAZZARATO, 2006), ainda passível de ser construído.

Incitar formas de indignação e comoção frente a perdas que, muitas vezes, se colocam de forma irreversível, é uma maneira de fomentar um “luto público” que, por sua vez, “possui enorme potencial político” (BUTLER, 2019, p. 66) para a mobilização. Evidentemente, nesse caso, não nos referimos “apenas” à morte física de um ser, mas também a espaços, modos de vida, convivência e vizinhança que constroem a história de bairros, cidades e pessoas, ou seja, justamente aquilo que é completamente desconsiderado pelos processos de gentrificação. Trata-

se, assim, de mostrar que tanto os sujeitos colocados na condição precária são passíveis de luto quanto a cidade vivida, sujeita a ser suprimida pela lógica do capital.

O INIMIGO EM COMUM: AS SOCIMIS

A onda de especulação imobiliária que se propagou na Espanha, principalmente nas cidades turísticas, decorre da atuação de empresas de investimentos imobiliários que transformam tanto os espaços construídos e privados em produtos do mercado de ações quanto os aluguéis em lucrativa e sólida fonte de renda. As denominadas SOCIMIS, cuja sigla decorre do nome *Sociedades Anónimas Cotizadas de Inversión en el Mercado Inmobiliario*, são empresas com fins lucrativos e gestoras de ativos líquidos para o mercado de investimentos que foram regularizadas pelo governo espanhol, em 2009.

Inspiradas no *Real Estate Investment Trusts (REIT)*, surgido nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, as SOCIMIS foram propostas como uma estratégia para combater a crise econômica que atingiu a Espanha em 2008, decorrente do colapso do mercado de hipotecas americano em 2007 (GARCÍA-VAQUERO; ROIBÁS, 2020).

No entanto, na Espanha, a expansão desses fundos de investimento ocorreu, sobretudo, após o governo elaborar uma profunda revisão do regime jurídico e fiscal em 2012, como mais uma forma de combater a crise econômica, por meio da qual, em 2012, foi promulgada uma lei que concede um regime fiscal favorável às SOCIMIS. Com isso, a quantidade de empresas de investimentos imobiliários passou de duas, em 2013, para 90, em 2019 (GARCÍA-VAQUERO; ROIBÁS, 2020), com destaque para a Blackstone, Goldman Sachs e Cerberus Capital Management.

Segundo Jaime Palomera, pesquisador e cofundador do Instituto de Investigación Urbana de Barcelona (IDRA),

Em muito pouco tempo, a Espanha tornou-se o segundo país do mundo com mais SOCIMIS, atrás apenas dos Estados Unidos. Por meio dessas empresas, os fundos podem aumentar o aluguel de milhares de inquilinos, despejá-los, contar com uma enorme ajuda fiscal e prometer grandes dividendos a seus investidores (PALOMERA, 2025, p. 139, tradução nossa).

Especificamente na região central da cidade de Madri, onde se localiza o bairro Lavapiés, os fundos de investimentos impulsionaram significativamente os processos de gentrificação, turistificação, desalojamento e especulação imobiliária por meio da compra de prédios inteiros

ocupados por inquilinos com contratos de aluguel em vigência. A intenção é transformá-los em edifícios de apartamentos de luxo e/ou destinados ao turismo, com valores de aluguéis exorbitantes.

Após a compra, os novos proprietários costumam enviar mensagens aos inquilinos comunicando que seus contratos serão revogados e que devem desocupar o local a partir de uma determinada data. Algumas vezes, são contratadas empresas terceirizadas especializadas em “desocupar” os imóveis e pressionar os então moradores com ameaças de despejo. Em alguns casos, há a tentativa de negociar um acordo ou indenização para que o distrato seja firmado. Em outros, chega-se a forjar uma renegociação do valor do aluguel, mediante o estabelecimento de um preço inviável para as condições econômicas dos locatários.

Paralelamente a essas ações, as empresas que comprem os imóveis iniciam inúmeras reformas nas áreas de convivência social, fachadas ou apartamentos desocupados como forma de promover perturbações sonoras e ambientais, além de danos internos nos apartamentos ocupados para que, assim, a insalubridade do local motive a saída dos moradores e inquilinos resistentes.

Analisando o desempenho dos fundos de investimentos imobiliários nos E.U.A. pelos REIT, Madden e Marcuse (2018) os denominam como hipermercantilização das moradias, em que o mercado global e desigual dos super-ricos desapropria e desaloja não apenas moradores, mas culturas e tradições. Em diálogo com os autores, Palomera reforça que tal desfaçatez produz “uma desconexão sem precedentes entre o aspecto econômico da habitação (como um produto imobiliário que gera lucros) e o aspecto social (como um teto localizado em um bairro e uma cidade, capaz de se tornar um lar)” (PALOMERA, 2018, p. 14, tradução nossa).

Nota-se que os fundos de investimentos possuem a mesma estratégia, a qual resulta em colocar antigos residentes – muitas vezes, famílias inteiras e idosos que vivem sozinhos – deliberadamente na condição precária, com o aval do Estado, transformando-se assim no grande inimigo a ser confrontado o que, impreterivelmente, envolve novas formas de enlace e mobilização.

Nota-se assim que o edifício *Tribulete* está longe de ser um caso isolado. Da mesma forma, os circuitos de comoção social relacionados aos protestos de despejos de moradores em diferentes cidades da Espanha estão em sintonia e em diálogo com o movimento sociocultural e político *Occupy Wall Street*, iniciado no *Zuccotti Park*, localizado no distrito financeiro de Manhattan, na cidade de Nova York, nos EUA, no dia 17 de setembro de 2011 (ANTHONY, 2021).

Organizado principalmente por meio das redes sociais, o movimento popular voltou-se sobretudo contra as desigualdades socioeconômicas (decorrentes fundamentalmente da crise financeira global de 2008) e a corrupção governamental relacionada às influências financeiras das grandes corporações capitalistas. O *Occupy Wall Street* desdobrou-se em diferentes protestos em mais de vinte cidades americanas e também inspirou outros movimentos em inúmeros países.

Dentre os desdobramentos do *Occupy Wall Street*, destacamos a parceria entre vários manifestantes do movimento com grupos de ativistas, como o *Organizing for Occupation (O4O)*, *Picture the Homeless* e *New York City Communities for Change* para, unidos, protestar contra os desalojamentos de moradores impossibilitados de arcar com as exorbitantes hipotecas impostas pelas empresas bancárias americanas, como também para lutar por moradias dignas a todos aqueles sem ou com poucos recursos financeiros (GABBATT; DEVEREUX, 2011).

Na luta de Davi contra Golias, como o jornal argentino Infobae (ARENALES, 2025) denominou o confronto entre os moradores de um dos edifícios de *Lavapiés* e as empresas privadas de investimentos imobiliários, os que sofrem os danos, ou seja, aqueles que vivenciam a condição precária e que não são passíveis de luto, precisam se juntar para, de alguma maneira, atuarem como o Davi lutador. Vejamos como isso ocorre.

LAVAPIÉS E O CASO DO EDIFÍCIO TRIBULETE 7

No dia 27 de março de 2024, o jornalista Jacob García publicou uma matéria sobre a especulação imobiliária com a seguinte manchete: “A cobiçada pérola de Lavapiés vende-se por imóveis” (2024b, tradução nossa). A reportagem abordou o edifício de número 7 da rua Tribulete como o personagem principal do confronto entre moradores e os fundos de investimentos no bairro de *Lavapiés*, mas alertou que a mesma história também ocorreu com os imóveis de números 25, da rua *Buenavista*; 22, da *Zurita* e 11, da *Argumosa* (GARCÍA, 2028b).

O *Tribulete* número 7 é um dos edifícios que mencionamos no início deste artigo e que foi representado nos cartazes da campanha *#AquíNosQuedamos*, presente no jardim do Museu Rainha Sofia. Assim, somados os imóveis comentados na matéria indicada acima com aqueles que foram mencionados nos cartazes – sem levar em conta outros casos existentes – têm-se seis ocorrências concentradas em *Lavapiés*. A seleção desses espaços não é mera coincidência, visto que sinaliza o desejo do capital imobiliário pela região devido, sobretudo, aos seus atrativos artísticos e à sua diversidade cultural.

Como aponta Fernández (2020), em síntese, pode-se dizer que a gentrificação envolve quatro aspectos: a implementação de mudanças significativas na paisagem urbana, o alto investimento por parte de empresas privadas com o aval do poder público, o desalojamento e o deslocamento de moradores de longa data, pertencentes a classes socioeconômicas mais baixas e, por fim, a chegada de novos residentes de maior poder aquisitivo e capital cultural e

simbólico. Atualmente, pode-se dizer que todos esses aspectos se mostram sincronicamente no bairro.

“A cobiçada pérola” (GARCÍA, 2024b, tradução nossa) da especulação imobiliária – o bairro Lavapiés – concentra a maior quantidade de equipamentos culturais de toda a Espanha, além de inúmeros ateliês e escritórios de design, o que evidencia o uso – inclusive, muito frequente em várias cidades globais – da arte e das classes criativas para causar alterações na paisagem urbana, do qual decorre a estreita combinação entre arte, estética, cultura e gentrificação (FERNÁNDEZ, 2020). Em consonância com tal perspectiva, Manuel Delgado afirma que a “*artistização* da reapropriação capitalista das cidades” (DELGADO, 2008, p. 10, tradução nossa) exerce duas funções centrais no processo de mercantilização do espaço urbano: promover “prestígio e elegância” (DELGADO, 2008, p. 10, tradução nossa) a regiões antes degradadas e instituir um “elemento de sacralidade” (DELGADO, 2008, p. 10, tradução nossa) a um determinado local, dada a perspectiva transcendental mercadologicamente atribuída à cultura e à arte.

O bairro também concentra a maior quantidade de imigrantes de toda a capital espanhola – cerca de 33% dos seus moradores (SANZ, 2010) – o que, por sua vez, também se converteu num fator de gentrificação. Como afirma Fernández (2020), bairros caracterizados pela diversidade cultural tendem a se posicionar na totalidade da urbe pela “cena cultural alternativa” (2020, p. 39, tradução nossa) e a atrair os chamados “*diversity-seekers*”, ou seja, “buscadores de diversidade”, um público de elevado poder socioeconômico que passa a residir nessas regiões com o intuito de estabelecer “uma aproximação ao exótico, ao folclórico, onde a presença das classes populares (trabalhadores ou imigrantes econômicos) é entendida como uma oportunidade para aprender de outras culturas” (FERNÁNDEZ, 2020, p. 38, tradução nossa). Porém, em geral, esses novos residentes tendem a manter os vínculos com pessoas pertencentes à mesma classe socioeconômica a qual pertencem, estabelecendo pouca ou nenhuma interação com os moradores das regiões para onde se mudam, da mesma forma que tendem a não se envolver com conflitos e questões locais (FERNÁNDEZ, 2020).

Tanto a *artistização* quanto a diversidade, aliadas à localização central de Lavapiés, colocam-se como diferenciais extremamente persuasivos para atrair o capital financeiro, que tem investido pesadamente na compra de apartamentos e edifícios inteiros na região, promovendo a sua “requalificação” e, por consequência, a expulsão de antigos moradores – alguns deles, descendentes da antiga classe operária –, que não possuem condição econômica para custear o aumento abusivo do valor dos aluguéis.

É o que ocorreu com os moradores de *Tribulete*, como Antolín Sánchez, 34 anos, que mora no edifício desde quando nasceu; o casal José Santamaría, 71, e Blanca Andreu Roca, 65 (ele vive desde os dois anos e a mulher desde 1981); Jaime Oteyza, arquiteto de 39 anos que mora desde

2012 com sua esposa e dois filhos pequenos; Luis, 64 anos, morador há mais de 20 anos e que está desempregado; e Alfonso, que vive no segundo andar desde 1999 (ROPERO, 2024; DÍAZ, 2024; REINA; MARTÍNEZ, 2024; HERNÁNDEZ, 2025a).

No início de 2024, as 54 famílias que ali residiam foram avisadas pelo Sindicato de Inquilinos y Inquilinas de Madrid^[3] sobre a intenção de compra do prédio pela *Elix Rental House*, em virtude do falecimento de seus antigos proprietários (GARCÍA, 2024a; SUÁREZ, 2024a). Isso permitiu que os moradores do edifício *Tribulete* se organizassem coletivamente para lutar contra a venda do imóvel.

O primeiro confronto ocorreu no 2 de fevereiro de 2024, quando cada unidade habitacional recebeu a visita de dois representantes da *Elix*, que tentaram negociar separadamente o distrato de locação de cada apartamento. Todos os moradores recusaram as ofertas (DÍAZ, 2024; REINA; MARTÍNEZ, 2024).

Em seguida, também com a ajuda e orientação do sindicato, os moradores organizaram uma ação artístico-musical-cultural como forma de “visibilizar o drama da especulação imobiliária no bairro” (VECINOS TRIBULETE 7, 2024a, tradução nossa), divulgada a partir do dia 30 de janeiro de 2024 pela conta do Instagram @vecinostribulete7 e por outras redes sociais, canais do Youtube e grupos de WhatsApp e Telegram. A ação igualmente foi pautada por alguns meios jornalísticos.

O card do evento (figura 3) foi difundido pelo Instagram @vecinostribulete7 no dia 1 de fevereiro de 2024, com a seguinte frase: “Para evitar a compra e o despejo do edifício Tribulete 7 por parte do fundo abutre Elix” (tradução nossa). Nele, há também a imagem de uma pessoa que espanta um abutre com um violão pois, nos protestos contra os desalojamentos, os fundos de investimentos são pejorativamente denominados como “fundos de abutres”.



FIGURA 3: Card de divulgação da ação cultural em frente ao Edifício Tribulete.

Fonte: Instagram @vecinostribulete.

O card é acompanhado de um texto que descreve como a atividade foi pensada:

[...] a ação visa representar por meio da música a diversidade e riqueza do prédio, reflexo do bairro de Lavapiés. Na casa de uma família latina haverá uma apresentação de cumbia, na de uma família cigana tocarão músicos flamencos, músicas balcânicas serão ouvidas na casa de uma família do Leste Europeu, letras de Violeta Parra em outra casa, e assim por diante até completar o repertório com até 9 concertos simultâneos. Por fim, os músicos desses diferentes gêneros se juntarão nas varandas para oferecer uma última peça musical, para simbolizar aquela irmandade entre culturas tão característica do prédio e por extensão do bairro (VECINOS TRIBULETE 7, 2024b, tradução nossa).

No dia do evento, além das atrações supracitadas, houve também a participação de artistas como Alberto San Juan, Rocío Sáez, Fetén Fetén, Soleá Morente, Mane López, Celia Bsoul, El Artivista, Silvia Agüero, Másquepalabras e Cristina Medina, que aderiram à campanha conjuntamente com várias outras pessoas que se aglomeraram na rua para prestigiar a ação coletiva e, sobretudo, protestar contra os desalojamentos (Figura 4:). Na ocasião, foram colocadas faixas de protestos nas janelas e na fachada do edifício, sendo que algumas permanecem até hoje, com mensagens como “Elix Fundo Abutre. Não a especulação” e “S.O.S. Tribulete 7 + de 50 famílias na rua” (tradução nossa) (Figura 5:). Cumpre ressaltar que a alocação de faixas nas fachadas dos edifícios que sofrem com a especulação imobiliária é uma prática recorrente dos coletivos antidespejos que atuam na Espanha.



FIGURA 4:. Aglomeração em frente ao Edifício Tribulete no dia do primeiro evento cultural.
Fonte: fotografia de Javi Martínez publicada no jornal El mundo (10 de fev. 2024).



FIGURA 5: Faixas na fachada no Edifício Tribulete.

Fonte: fotografia publicada na agência de notícias Servimedia (4 de fev. 2025).

Tal ação torna-se ilustrativa para apreendermos as formas de mobilizações que são fomentadas pelos movimentos antidespejos que atuam no bairro *Lavapiés*, os quais não visam apenas publicizar a condição precária a que determinados grupos estão expostos, o que, de certo modo, somente reforçaria aquilo que já é realizado pela mídia hegemônica. Na relação com a cidade, intenta-se criar um ambiente comunicacional capaz de gerar envolvimento e comoção o que, antes de tudo, implica a tentativa de ressignificar o modo como os sujeitos percebem e sentem a cidade por meio de diferentes sentidos e, assim, fomentar novas formas de apreendê-la e vivenciá-la.

Com isso, seria possível torná-la passível de luto, bem como aqueles colocados na condição precária. Por sua vez, “a comoção depende de apoios sociais para o sentir” (BUTLER, 2019, p. 81), os quais exigem a construção de enlaces voltados a gerar envolvimento ou, ainda, “um circuito de comoção social” (BUTLER, 2019, p. 81) capaz de mobilizar o maior número possível de indivíduos, inclusive, aqueles não diretamente afetados pela condição precária. Assim, como afirma Butler:

[...] é só desafiando a mídia dominante que determinados tipos de vida podem se tornar visíveis ou reconhecíveis em sua precariedade [...] *Uma outra vida é percebida por intermédio de todos os sentidos, se é de fato percebida.* O esquema interpretativo tácito que distingue as vidas dignas das não dignas de consideração funciona

fundamentalmente através dos sentidos, diferenciado os gritos que podemos ouvir dos que não podemos, as visões que conseguimos enxergar das que não conseguimos, da mesma forma que acontece em relação ao tato ou até mesmo ao olfato (BUTLER, 2019, p. 83).

Sob a orientação do sindicato e com a parceria de diferentes coletivos que são contra os despejos, as ações artístico-culturais têm sido uma das principais estratégias empregadas por moradores de edifícios comprados pelos fundos de investimentos. No caso específico do Tribulete, foi possível promover uma ação antes mesmo da sua compra, algo que contempla um dos objetivos do sindicato, ou seja, “prevenir-se ao conflito antes de ter que impedir um despejo na porta” (SINDICATO DE INQUILINAS; SINDICAT DE LLOGATERES, 2025, p.139, tradução nossa).

Logo em seguida à ação político-cultural, sempre em parceria com o sindicato, os moradores do *Tribulete* somaram forças com os moradores de outros três edifícios que viviam a mesma situação para, juntos, protestarem contra o inimigo em comum, a *Elix Rental House*, em frente a sua sede, localizada em Madri. A manifestação pública ocorreu no 13 de fevereiro de 2024 (Figura 6:) e, no card de convocação, estava escrito a seguinte mensagem: “Tribulete 7/ Galileo 22/ Salvia 11/ Boldano 5/ Não se vendem” (tradução nossa).



FIGURA 6: Protesto em frente a sede da Elix Rental House.

Fonte: fotografia publicada na plataforma do Sindicato de Inquilinos e Inquilinas de Madrid.

A ação conjunta faz parte de uma campanha maior, denominada *Nos Quedamos* (Nós ficamos) – tal como assinalamos na ação realizada no jardim do Museu Rainha Sofia –, elaborada e perpetuada pelo sindicato, que propõe não apenas que os ameaçados pelos fundos de

investimentos permaneçam em suas moradias, mas que, sobretudo, consigam pensar, contrapor, propor, executar e expor as ações contra despejos de modo coletivo (SINDICATO DE INQUILINAS; SINDICAT DE LLOGATERES, 2025, p.139- 140).

Porém, no dia 22 de março de 2024, os residentes foram informados que a compra do imóvel havia sido efetivada pela Elix. Mesmo assim, eles seguiram com as ações culturais e os protestos com moradores de outros prédios. Além disso, conseguiram pautar algumas mesas de negociação com a nova proprietária. Nesse contínuo confronto, foram vencidos em algumas ocasiões como, por exemplo, o fechamento da loja *Calzados Vinigón*, sob a gerência de María Jesús González, que foi forçada a encerrar suas atividades em julho de 2024. A loja estava localizada no andar térreo do prédio *Tribulete* e foi fundada em 1940 por Marcelina, avó de María Jesús, tendo sido administrada por três gerações da mesma família (SUÁREZ, 2024b).

Entretanto, os moradores também conquistaram algumas vitórias. Passado mais de um ano e, pela primeira vez na história jurídica da Espanha, foi realizada uma ação coletiva por assédio e coação imobiliária contra uma empresa – no caso, a ELIX –, em virtude dos transtornos materiais e psicológicos gerados pelas contínuas reformas feitas no edifício, que causaram condições insalubres para se viver em alguns apartamentos (HERNÁNDEZ, 2025b; MÉNDEZ, 2025). É sempre importante ressaltar que tal feito foi comemorado pelos moradores do *Tribulete* e de outros edifícios, como também pelos sindicatos e coletivos antidespejos como uma vitória de todos e todas que se posicionam contra a especulação imobiliária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do caso do edifício *Tribulete*, buscamos discutir a maneira pela qual, na atualidade, a gentrificação atua de forma deliberada para produzir a condição precária de inúmeras coletividades – sobretudo em grandes metrópoles globais – que, justamente por não se adequarem à lógica do capital neoliberal, não seriam passíveis de luto. Ao mesmo tempo, intentamos explicitar como essa condição potencializa a constituição de novos enlaces e formas de ação que visam, de alguma forma, tornar a condição precária visível e, com isso, criar formas de resistência. Assim, nota-se que tal condição implica uma ambivalência, visto que a vulnerabilidade relacionada ao dano sofrido é, justamente, o que potencializa novas formas de mobilização.

No âmbito do caso retratado, também não se pode desconsiderar a materialidade dos modos de ação que, dentre distintas expressões artísticas, envolveram as apresentações musicais que, como McLuhan (2005) indica, tendem a construir uma espacialidade de envolvimento, visto

que, durante o ato, todos diretamente relacionados – produtores e ouvintes – são implicados conjuntamente de forma simultânea e instantânea. Com isso, cria-se uma situação que, mediada pela oralidade, sonoridade e gestualidade, retoma formas comunais de ajuntamento, de modo a fomentar o sentido de coletividade e comoção. Isso implica um processo de desautomatização da percepção, potencializando outros modos de apreender a cidade, o que requer ir além das formas de perceber e sentir fomentadas pela mídia hegemônica – e, por consequência, “pensar sobre”, sobretudo se considerarmos o estreito vínculo entre percepção e cognição –, tal como indicamos anteriormente com consonância com o pensamento de Butler (2019).

Essa situação, por sua vez, não se confunde com o processo de *artistização* das cidades a qual, não raramente, envolve a alocação de apliques sobre o espaço como forma de dotá-lo de maior prestígio e torná-lo atrativo para o consumo.

Trata-se, sim, de fazer com que os sujeitos experienciem outras formas de viver a cidade – e, com isso, torná-la passível de luto – fomentando a solidariedade e a participação coletiva, até porque, os responsáveis pelas ações são, justamente, os sujeitos que sofrem o dano. Tal experiência igualmente coloca-se como uma forma de explicitar de que maneira a cidade vivida, assim como os sujeitos afetados pela especulação imobiliária, também são passíveis de luto e cuja perda, antes de ser individual é, sobretudo, coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTHONY, Andrew. ‘We showed it was possible to create a movement from almost nothing’: Occupy Wall Street 10 years on. The Guardian, Londres, 12 set. 2021. Reino Unido. Disponível em <<https://www.theguardian.com/us-news/2021/sep/12/occupy-wall-street-10-years-on>>. Acesso em: 27 nov. 2025.

ARENALES, María García. La resistencia de los vecinos de San Ildefonso 20 en Madrid, otro David contra Goliath en la especulación inmobiliaria: “Nos acosan para que nos vayamos”. *Infobae*, Argentina, 7 mai. 2025. España. Disponível em < <https://www.infobae.com/espana/2025/05/07/la-resistencia-de-los-vecinos-de-san-ildefonso-20-en-madrid-otro-david-contra-goliath-en-la-especulacion-inmobiliaria-nos-acosan-para-que-nos-vayamos/>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra. Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. *Vida precária. Os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

CANTOS, Débora Ávila; DORADO, Beatriz García; GARCÍA, Sérgio; GARCÍA, Eva; CARRERA, Óscar Muñoz; NAVARRETE, Daniel Parajuá. Órdenes urbanos: centros y periferias em el Madrid neoliberal. In: GRUPO DE ESTUDIOS ANTROPOLÓGICOS

LA CORRALA (Org.). *Cartografía de la ciudad capitalista. Transformación urbana y conflicto social en el Estado Español*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

DELGADO, Manuel. *La artistización de las políticas urbanas. El lugar de la cultura en las dinámicas de reapropiación capitalista de la ciudad*. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona: Universidade de Barcelona, v. 12, p. 1-13, 2008.

DÍAZ, Ana Fuente. “El barrio no se vende”: los vecinos de Tribulete 7 se plantan frente a la amenaza de los fondos buitre. InfoLibre, Madri, 3 fev. 2024. Vivienda. Disponível em <https://www.infolibre.es/politica/vecinos-tribulete-7-plantan-frente-fondos-buitre_1_1705891.html>. Acesso em: 19 agost. 2025.

FERNÁNDEZ, Jorge Sequera. *Las políticas de gentrificación en la ciudad neoliberal. Nuevas clases medias, producción cultural y gestión del espacio público*. El caso de Lavapiés en el centro histórico de Madrid. 2013. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidad Complutense de Madrid, Madri, 2013.

FERNÁNDEZ, Jorge Sequera. *Gentrificación. Capitalismo cool, turismo y control del espacio urbano*. Madri: Catarata, 2020.

GABBATT, Adam; DEVEREUX, Ryan. *Wall Street protesters to occupy foreclosed homes*. The Guardian, Londres, 6 dez. 2011. Reino Unido. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2011/dec/06/occupy-wall-street-occupy-foreclosed-homes>>. Acesso em: 27 nov. 2025.

GARCÍA, Jacobo. *Detrás de cada conflicto inmobiliario en Madrid, no hay un rostro humano, hay una Socimi sin escrúpulos*. El País, Madri, 4 jan. 2024a. Especulación inmobiliaria. Disponível em <<https://elpais.com/espana/madrid/2024-01-04/detras-de-cada-conflicto-inmobiliario-en-madrid-no-hay-un-rostro-humano-hay-una-socimi-sin-escrupulos.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

GARCÍA, Jacobo. *La codiciada perla de Lavapiés se vende por edificios*. El País, Madri, 27 mar. 2024b. Especulación inmobiliaria. Disponível em <<https://elpais.com/espana/madrid/2024-03-27/la-codiciada-perla-de-lavapiés-se-vende-por-edificios.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

GARCÍA-VAQUERO, Víctor; ROIBÁS, Irene. *Evolución reciente de las SOCIMI en España*. Boletín Económico, Artículos Analíticos, Banco de España, Espanha, 3/2020, p. 1-14, agost. 2020. Disponível em <<https://www.bde.es/wbe/es/publicaciones/publicaciones-discontinuas/articulos-analiticos/evolucion-reciente-socimi-espana.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

HENN, Ronaldo; NAKAGAWA, Regiane M. O.; NAKAGAWA, Fábio Sadao. *O ciberacontecimento e as visualidades da precariedade. O caso dos despejados no bairro Lavapiés, em Madrid*. Revista Galáxia, São Paulo: PUCSP, v. 49, n. 01, p. 1-24, abril, 2024.

HERNÁNDEZ, Jorge. *Burofaxes, obras, ruido e indemnizaciones: un año bajo la amenaza de desahucio por un fondo buitre en Tribulete*, 7. El País, Madri, 20 jan. 2025a. Fondos buitre. Disponível em <<https://elpais.com/espana/madrid/2025-01-20/burofaxes-obras-ruido-e-indemnizaciones-un-ano-bajo-la-amenaza-de-desahucio-por-un-fondo-buitre-en-tribulete-7.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

HERNÁNDEZ, Jorge. *Los vecinos de Tribulete se querellan contra Elix, un fondo de inversión: ¿Qué se puede conseguir con una querella colectiva por acoso?* El País, Madri, 01 jul. 2025b. Vivienda. Disponível em <<https://elpais.com/espana/madrid/2025-07-01/los-vecinos-de-tribulete-demandan-a-elix-un-fondo-de-inversion-que-se-puede-conseguir-con-una-demanda-colectiva-por-acoso.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

INGOLD, T. *Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia*. Educação, Porto Alegre: PUCRS, v. 39, n. 03, p. 404–411, 2016.

INGOLD, T. *Antropologia versus etnografia*. Cadernos de Campo, São Paulo: USP v. 26, n. 01, p. 222–228, jun., 2017.

LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (Orgs.). *McLuban por McLuban: conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MADDEN, David; MARCUSE, Peter. *En defensa de la vivienda*. Madri: Capitan Swing S.L., 2018, p. 11 – 20.

MEDINILLA, María. *Tribulete 7, el epicentro del ciclón que enfrenta a la renta antigua con el voraz mercado del alquiler*. El Economista, Madri, 25 abr. 2024. Vivienda- inmobiliario. Disponível em <<https://www.eleconomista.es/vivienda-inmobiliario/noticias/12780363/04/24/tribulete-7-el-epicentro-del-ciclon-que-enfrenta-a-la-renta-antigua-con-el-voraz-mercado-del-alquiler.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

MÉNDEZ, Susana Albarrán. *Vecinas de Tribulete 7 presentan demanda colectiva por acoso inmobiliario contra Elix Rental Housing*. El Salto Diálogo, Madri, 4 jan. 2025. Especulación inmobiliaria. Disponível em <<https://www.elsaltodiario.com/madrid/vecinas-tribulete-7-presentan-denuncia-colectiva-acoso-inmobiliario-elix-rental-housig>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

PALOMERA, Jaime. *El secuestro de la vivienda*. Barcelona: Península, 2025.

PALOMERA, Jaime. Prólogo. In: MADDEN, David; MARCUSE, Peter. *En defensa de la vivienda*. Madri: Capitan Swing S.L., 2018, p. 11 – 20.

REINA, Elena; MARTÍNEZ, Juan José. *Primer contacto de un fondo buitres con los vecinos a los que quiere echar: “Intentamos que no se vayan a la calle con el culo al aire”*. El País, Madri, 13 fev. 2024. Especulación imobiliária. Disponível em <<https://elpais.com/espana/madrid/2024-02-13/primer-contacto-de-un-fondo-buitres-con-los-vecinos-a-los-que-quiere-echar-intentamos-que-no-se-vayan-a-la-calle-con-el-culo-al-aire.html>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

RODRÍGUEZ, Alba Crusellas. *La crisis a pie de barrio. Los casos de Lavapiés y San Isidro*. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas e Sociologia) - Universidad Complutense de Madrid, Madri, 2015.

ROPERO, Andrea. La dura realidad de una familia cuyo piso ha sido comprado por un fondo buitres: “Mi hijo me dice ‘mi casa es viejita, pero me gusta’”. *El Intermedio*, Madri, 6 març. 2024. Disponível em <https://www.lasexta.com/programas/el-intermedio/dura-realidad-familia-cuyo-piso-sido-comprado-fondo-buitres-hijo-dice-casa-viejita-pero-gusta_2024030665e853fbdac8310001f78b93.html>. Acesso em: 19 agost. 2025.

SANZ, Alberto Riesgo. *Imigração e Trabalho Autônomo: “Economías de Inmigrantes” en Lavapiés (Madri)*. Tese (Doutorado em Ciências Políticas e Sociologia) - Universidad Complutense de Madrid, Madri, 2010.

SENNETT, Richard. *Construir y habitar. Ética para la ciudad*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.

SINDICATO DE INQUILINAS; SINDICAT DE LLOGATERES. *Poder inquilino*. Madri, Traficantes de Sueños, 2025.

SMITH, Neil. *La nueva frontera urbana. Ciudad revanchista y gentrificación*. Madri: Traficantes de sueños, 2012.

SUÁREZ, Ariane. *La gentrificación en Lavapiés: “Me han echado como cuando sacan la basura por la noche”*. Cadena SER, Madri, 25 març. 2024a. Especulación imobiliária. Disponível em <<https://cadenaser.com/cmadr/2024/03/25/la-gentrificacion-en-lavapiés-me-han-echado-como-cuando-sacan-la-basura-por-la-noche-radio-madrid/>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

SUÁREZ, Ariane. *El cierre de los comercios de barrio: Calzados Vinigón abandona Lavapiés tras más de 80 años calzando al barrio*. Cadena SER, Madri, 29 jul. 2024b. Disponível em <<https://cadenaser.com/cmadr/2024/07/28/el-cierre-de-los-comercios-de-barrio-calzados-vinigon-abandona-lavapiés-tras-mas-de-80-anos-calzando-al-barrio-radio-madrid/>>. Acesso em: 19 agost. 2025.

VECINOS TRIBULETE 7, 52 pisos en Tribulete 7 se enfrentan a un desahucio masivo, pero los vecinos resisten. Madri, 1 fev. 2024a. Instagram: @vecinostribulete7. Disponível em <https://www.instagram.com/p/C2zP-dIMUqh/?img_index=1>. Acesso em: 19 agost. 2025.

VECINOS TRIBULETE 7. *Para evitar la compra y desahucio del edificio Tribulete 7 por parte del fondo buitres Elix*. Madri, 1 fev. 2024a. Instagram: @vecinostribulete7. Disponível em <https://instagram.com/p/C2zP-dIMUqh/?img_index=1>. Acesso em: 19 agost. 2025.

-
- [1] Cumpre ressaltar que esse processo igualmente acometeu outros bairros da região central de Madrid, como Chueca e Malasaña (CANTOS, et al., 2016).
- [2] Para tal, em 2007, foi criado um escritório junto ao Conselho Municipal, intitulado “Madrid Global” (CANTOS, et al., 2016).
- [3] Os Sindicatos de Inquilinos e Inquilinas atuam desde 2017 em diferentes cidades da Espanha e surgiram como forma de luta coletiva e institucionalizada em prol dos direitos à moradia e contra os abusos da especulação imobiliária (SINDICATO DE INQUILINAS; SINDICAT DE LLOGATERES, 2025).